2.º Anno — Lisboa, 19 de outubro de 1885 — Numero 14

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas;
Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha;
D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção;
Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas;
Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

A SÉ VELHA DE COIMBRA

CHRONICA

Se eu não tivesse receio de que a leitora histerica se azedasse, arremessando para longe de si, n'um impeto de mau humor desabrido, este semanario onde costumo cavaquear alegremente com ella, como velho e bom amigo desceremonioso, iria ainda hoje pedir a Capello e Ivens que me dessem mote para a minha palestra das segundas feiras, a que puz o nome de chronicas. Mas eu tenho medo dos nervos da leitora, muito medo. Sei que as novidades são um calmante para o seu histerismo caprichoso, e que os assumptos estafados não fazem senão provocar-lhe arremessos de colera.

Ora os dois exploradores, salvo o respeito que eu professo pelas suas estimabilissimas pessoas, vão começando a ser um assumpto gasto. Em volta d'elles já se não agita o enthusiasmo febril e espontaneo que ahi vimos expandir-se, em ondas sonorosas, desde a bahia de Paço d'Arcos até aos bastidores dos theatros. A tensão do delirio nacional principia a diminuir, a diminuir, e descambará por fim n'uma indifferença gélida e silenciosa. A' tempestade d'ovações com que receberam os dois heroes, succeder-se-ha a calmaria do esquecimento.

A sua viagem ao Porto realisou-se quando já começavam a extinguir-se os ultimos echos das primeiras acclamações enthusiasticas. Os fremitos do patriotismo indigena não tinham já a mesma nota vibrante posta pela alma grandiosa do povo. A convenção principiava a substituir a espontaneidade; em vez da linguagem eloquente e sincera das massas populares, a rhetorica enflorada mas postiça do mundo official; o artificio precursor do indifferentismo succedendo-se ás vibrações intensas das primeiras festas.

Que a gente do Norte nos perdoe estas palavras, e não as tome, pelo amor de Deus, como offensivas do seu patriotismo. Nós reputamo-l'a capaz de grandes arrebatamentos, susceptivel de commoções formidaveis; mas o momento psychologico da nevrose do enthusiasmo tinha passado; a culpa não foi sua. Lisboa, a egoista e doidivanas Lisboa insaciavel de ruido, tivera os dois heroes em primeira mão, dera-lhes as primicias dos seus jubilos e dos seus arroubos, cantara-lhes trovas apaixonadas á beira do Tejo, inundara-lhes de Champagne e beijos as frontes varonis. Quando não tinha mais trovas para cantar nem mais alegrias que expandir, enviou-os ao Porto, onde as flores dos arcos de triumpho iam já emurchecendo pouco a pouco, sob a acção lethal do tempo gasto em preparar recepções solemnes.

Fatigados de tanto esperar, e satisfeita a sua curiosidade com a narrativa dos festejos que entre nós se realisaram, os portuenses foram-se habituando a encarar de longe os heroes como dois simples mortaes, e encurtaram as dimensões do pedestal gigantesco a que primitivamente os haviam erguido.

Quinze dias mais cedo, a cidade invicta ter-nos-ia desbancado com as palpitações intensas do seu enthusiasmo, em festas colossaes e esplendorosas, d'aquellas que deixam atraz de si uma recordação immorredoura.

De todos os episodios que esmaltaram a viagem dos dois benemeritos ao Norte do paiz, o mais curioso foi a indignação dos banhistas de Espinho, por não ter parado na estação d'aquella praia o comboio que conduzia os exploradores africanos em carreira diabolica e vertiginosa. Os patriotas espinhenses abespinharam-se com aquelle facto, e pediram em altos berros Capello e Ivens, como quem pede um *punch* quente para se desenregelar.

Ao que parece, os banhistas indignados tinham feito grande provisão de foguetes e de rhetorica, e queriam por força disparar uns e outra nas illustres bochechas dos illustrissimos viajantes.

Como os exploradores não parassem diante dos foguetes e os foguetes não podessem estalar senão diante dos exploradores, os habitantes de Espinho ficaram com a espinha das despezas da festa atravessada na garganta, vomitando indignações furibundas pelas tubas da imprensa periodica e pelos conductos do telegrapho electrico. Houve tal que prorompeu em ameaças de morte contra os poderes publicos, por esta gravissima affronta infligida a banhistas que se prezam; e se o governo não chegou a cair, em face das apostrophes que lhe vibraram, esteve, pelo menos, muito tremido, mais tremido que o ministerio francez, depois das eleições do dia 4.

E tudo isto porque os srs. banhistas de Espinho não tiveram ensejo de queimar os foguetes de tres respostas, e de trazer á supuração os seus discursos congratulatorios! Ja é!...

Houve ainda outra nota curiosa da visita ao Porto, mas essa foi dada pela agencia *Havas* ás folhas periodicas da capital. Ardendo n'um zelo de *reportage* minuciosa, muito fóra dos seus habitos, aquella agencia coscovilheira não se limitou a fazer a resenha dos festejos portuenses, a extractar o discurso do sr. Correia de Barros, e a descrever as maravilhas da ornamentação do Atheneu e do Palacio de Crystal. Seguiu os exploradores passo a passo na cidade da Virgem, com a persistencia infatigavel d'um *policeman* londrino, devassou-lhes a alcova do hotel, tomou-lhes o pulso, espreitou-lhes as linguas, e depois de tudo isto enviou, pelo telegrapho, ás gazetas lisbonenses o seguinte boletim, que é uma verdadeira preciosidade no genero:

«*Porto, 10.*— O sr. Ivens jantou, conversando com a maior satisfação, e recolheu-se ao seu quarto, de perfeita saude.»

Afinal, sempre fallei de Capello e Ivens, em riscos de ser fulminado com as tuas iras, leitora, e de me fazeres boneca, lá do cantinho do teu *boudoir* elegante. Eu bem sei que o assumpto é massudo, que não te distrae, que não te diverte, mas, ainda assim, prefiro-o á narrativa melodramatica e lugubre do crime da Mourisca, do desespero d'aquelles dois irmãos, Manuel e Francisco Romano, ambos caixeiros, ambos Romanos e ambos ferozes, que se partiram d'aqui, armados até aos dentes, para vingar com sangue a honra d'uma sua irmã ultrajada.

Referiram-se a este crime extraordinario todas as folhas noticiosas do paiz. Como é sabido, os dois Romanos mataram aleivosamente, pelas costas, o seductor da irmã, moçoila rosada e fresca, e a imprensa disse-lhes que tinham feito muito bem, não encontrou sequer uma phrase rancorosa para verberar aquelle acto de covardia, disfarçado com as côres d'um desforço digno.

Amanhã, todos os caixeiros que tiverem irmãs nas circumstancias d'aquella, irão, de navalha em punho, esfaquear-lhes traiçoeiramente os amantes, com o assentimento e o applauso unanime da imprensa moralisadora, que faz *réclame* ao assassinio pelas costas, em nome da honra offendida.

E atrevem-se ainda a dizer-nos que somos um povo civilisado! Pois não foste!... Nós nem mereciamos a Patti, a grande e portentosa Patti, a ex-marqueza de Caux, a sublime divorciada que o Valdez nos promette, n'um rasgo de phylantropia lyrica, e que arrebatará o nosso *dilletantismo*, com os seus gorgeios inimitaveis, em cinco noites do proximo janeiro frigido.

Mas, emfim, a Patti que venha. Quem sabe se as arias da *diva* exercerão uma influencia benefica sobre os nossos costumes, ao mesmo tempo que exercem um effeito damninho sobre as nossas finanças!

CASIMIRO DANTAS.

A HISTORIA JUDICIAL DOS DUQUES DE AVEIRO

E' caso para se acreditar nas predestinações. Percorramos rapidamente a historia dos oito duques de Aveiro que houve em Portugal, e veremos que tiveram sempre dares e tomares com a justiça, e que as demandas eram o pão quotidiano da sua existencia.

O primeiro duque de Aveiro foi, como é sabido, D. João de Lencastre, filho de D. Jorge duque de Coimbra. Este ultimo, bastardo querido d'el-rei D. João II, não conseguio nunca fazer-se legitimar, mas recebeu sempre de seu pae e de seu tio as maiores honras e as mais ricas mercês. Deu-lhe D. Manuel o titulo de duque de Coimbra, titulo que D. João III mudou no de duque de Aveiro, quando passou por herança para o filho.

Antes de ser duque de Aveiro fôra D. João marquez de Torres-Novas, e teve uns amores vivissimos com D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva. Cubiçada depois para noiva pelo infante D. Fernando, a gentil Guiomar vio o marquez levantar embargos ao seu casamento principesco, allegando que era casado com ella secretamente. Primeira demanda, primeiro processo escandaloso e ruidoso, de que resultou ser o marquez preso e desterrado para Setubal, porque foi contra elle o julgamento.

Tendo morrido em 1571, succedeu-lhe seu filho D. Jorge, e d'este não consta que tivesse pendencias judiciaes. Como foi o unico, registemos o caso, que se explica talvez pelo facto de ter morrido prematuramente o 2.º duque de Aveiro na batalha de Alcacer-Kibir.

Por essa morte, ficou herdeira da casa sua filha D. Juliana, mas um primo do fallecido, D. Alvaro de Lencastre, entende que o morgado não podia passar para femea, e intenta acção a D. Juliana. Lá vae a casa de Aveiro aos tribunaes. Movem se de um lado e de outro os mais talentosos advogados, entra na bulha Pedro Barbosa, e finalmente, a questão intrinca-se tanto que o rei ordena que D. Alvaro case com D. Juliana para se pôr termo ao litigio. Assim se fez, e tanto foi do agrado das duas partes esta solução casamenteira, que d'este consorcio judicial resultaram nem mais nem menos que dezeseis filhos. Mas ahi temos nós já o 3.º duque de Aveiro a entrar na posse da casa depois da porfiada demanda.

O primogenito d'estes dezeseis filhos chamava-se D. Jorge e recebera o titulo de duque de Torres-Novas; casou, teve tambem descendencia, e morreu antes do pae. Succedeu pois ao 7.º duque de Aveiro, na casa, não o filho mais velho, mas o filho d'este, quer dizer o neto D. Raymundo. Não esteve porém pelos autos o tio do novo duque, D. Affonso, marquez de Porto-Seguro, allegando que a casa, tendo morrido o primogenito, devia passar ao filho segundo. D'ahi veio demanda accesa, e o 4.º duque de Aveiro não poude tomar posse definitiva da casa senão depois de ter debellado nos tribunaes as pretensões de seu tio marquez.

Não era lá grande firma o sr. D. Raymundo, 4.º duque de Aveiro, tanto que, quando suppoz vêr as coisas mal paradas para Portugal, depois de 1640, passou-se para Hespanha. Em Lisboa, é claro, enforcaram-n'o em estatua, o que lhe devia doer pouco, e além d'isso cofiscaram-lhe os bens, o que lhe devia doer mais.

Não lhe doeu porém só a elle, doeu ao irmão D. Pedro de Lencastre, arcebispo e inquisidor-mór, que protestou contra o confisco, e intentou demanda á corôa.

Entretanto, D. Raymundo morria em Hespanha, e D. Pedro de Lencastre herdou a casa, vencendo ao mesmo tempo a demanda. Ganha uma, surgia-lhe porém logo outra. Tinha elle uma irmã, que saira para Hespanha com D. Raymundo, que entendeu que tambem tinha direiro á herança, e que, assim que se fez a paz de 1668, intentou a demanda. Durava ella ainda, quando morreu o 5.º duque de Aveiro, que passou toda a sua vida mettido com advogado.

Habilita-se para herdeira esta D. Maria, que em Hespanha casára com o duque dos Arcos, mas é claro que não consegue tomar posse do ducado sem grandes luctas. A desgraça toda estava n'aquelles 16 filhos que tinham resultado do casamento de D. Alvaro e de D. Juliana, circumstancia que el-rei mandára em tempo juntar aos autos da demanda. Já o marquez de Porto Seguro questionára com D. Raymundo, os descendentes d'elle e os descendentes dos outros irmãos questionaram com D. Pedro, e todos elles vinham agora demandar a duqueza dos Arcos, que afinal venceu, declarando-se comtudo na sentença que não poderia tomar posse dos seus bens, se não viesse residir para Portugal, e prestar vassallagem ao soberano portuguez. D. Maria, apenas ganhou a demanda, fez logo as malas, mas o duque dos Arcos, seu marido, oppoz-se formalmente. D. Maria, teima em querer vir, o duque dos Arcos teima em não querer que ella venha. Palavra pucha palavra, afinal de contas D. Maria recorre aos tribunaes, desquita-se do marido, e vem tomar posse dos bens da casa de Aveiro, sendo a 6.ª na ordem dos duques e tendo-se visto obrigada, para se assenhorear d'esses bens, a demandar D. Pedro, a defender-se contra as investidas judiciaes dos descendentes dos filhos de D. Alvaro e de D. Juliana, e finalmente a demandar seu proprio marido, por este a não deixar partir para Portugal.

Morrendo a 6.ª duqueza de Aveiro, succedeu-lhe seu filho segundo, D. Gabriel Ponce de Leon Lencastre. Devemos explicar o caso:

Nas escripturas do casamento do duque dos Arcos e de D. Maria de Lencastre estipulara-se o seguinte: que, se viessem os seus descendentes a herdar as casas das duas familias, não as accumulariam. O filho mais velho teria de optar entre o ducado dos Arcos e o ducado de Aveiro. Feita a opção, ficava o outro ducado para o filho segundo.

O filho primogenito, D. Joaquim Ponce de Leon, optou pelo ducado dos Arcos; logo ficava o ducado de Aveiro para o filho segundo, D. Gabriel.

Não estavam porém com isso de accordo os antigos pretendentes á casa de Aveiro. Nova demanda, em que D. Gabriel trouxe de Hespanha os melhores advogados, e que finalmente foi ganha por D. Gabriel. O septimo duque de Aveiro tambem não entrava de posse dos seus bens patrimoniaes senão depois de ter ganho uma demanda.

Morre D. Gabriel e morre sem deixar filhos. Então é que o marquez de Gouveia, representante dos velhos direitos do marquez de Gouveia intentou de novo acção para se assenhorear do ducado. Appareceu-lhe porém um contendor formidavel.

O duque D. Gabriel não deixára filhos, mas deixára sobrinhos, filhos de seu irmão D. Joaquim, duque dos Arcos. Ora o sobrinho mais velho entendia que era elle o natural herdeiro de seu tio, recebendo d'elle o ducado de Aveiro, da mesma forma que herdára de seu pae o ducado dos Arcos.

Travou-se a demanda, como era inevitavel, e uma demanda feroz. Ferviam de um lado e de outro as allegações e as respostas, e emfim quem venceu foi o marquez de Gouveia, D. José de Mascarenhas, não concorrendo pouco para isso o seu proximo parente, fr. Gaspar da Encarnação, confessor, ministro e confidente omnipotente d'el-rei D. João V.

Foi pois de novo ganhando uma demanda que D. José de Marcarenhas, marquez de Gouveia, conseguiu ser o oitavo duque de Aveiro.

A historia d'este ultimo é de todos bem conhecida. Despeitos pessoaes, e rancores de classe inflammaram-n'o contra o marquez de Pombal, então simplesmente conde de Oeiras, ou que talvez o não fosse ainda, e ainda mais contra el-rei. Deliberou desembaraçar-se do soberano, a cuja sombra, e em nome de cuja auctoridade, Sebastião José de Carvalho e Mello exercia os seus mandatos omnipotentes. Do mallogro d'essa tentativa resultou para o duque de Aveiro a prisão e um novo processo. Este, porém, foi mortal. O severo ministro anniquilou por tal fórma duques e ducados, que nem d'uns nem d'outros podessem escapar sequer as cinzas.

Pois bem! estava o duque de Aveiro morto e enterrado, e com elle morrera para sempre a casa ducal de Aveiro. Pois a tudo sobrevivia o instincto da demanda. Ainda hoje, no momento em que escrevemos, ha pretensões pendentes. A casa dos duques de Aveiro foi confiscada e reverteu em proveito da casa real; dizem, porém, alguns Lencastres, descendentes da antiga casa dos Aveiros, que terminou com D. Gabriel Ponce de Leon: Foi injustamente dada a casa a D. José de Mascarenhas, marquez de Gouveia. A nós é que ella pertencia, e o crime d'elle não nos póde prejudicar em nossos direitos.

Não é natural que estes Lencastres esperem rehaver a casa, mas, se podem obter uma indemnisação qualquer, tudo será ganho.

Devem confessar, porém, que a extincção da casa de Aveiro foi uma desgraça para os procuradores e para os advogados. O ventre materno para os fidalgos d'aquella casa era o ventre dos autos e o sangue que lhes corria nas veias era tinta de escrivão.

PINHEIRO CHAGAS.

NOITE DE NUPCIAS

E...

Branca fada gentil de rozeos seios
manda, sorrindo, em divinaes carinhos,
á nossa alcova um turbilhão de anceios,
ao nosso abraço a flaccidez dos ninhos.

Nada me occultes com febris receios:
fluctua, canca, n'este mar de arminhos...
que os teus encantos limpidos toquei-os
com mais desejo que aos famosos vinhos.

Meu coração pertence-te; minh'alma
ha-de cingir-se a tudo quanto anhelas,
n'uma satisfação intima e calma.

Que o goso inunde o conquistado leito.
E abrazem-me teus beijos, como estrellas
que do ceu me cahissem sobre o peito.

Das *Estrophes bohemias*. ANTONIO FOGAÇA.

A AVENTURA

Embotado até ao tedio nos seus escassos trinta annos, o barão fazia da caça ao imprevisto o alvo philosophico da sua vida. Era um saciado do prazer, correndo na colla da aventura inesperada e puramente fortuita. Vivera a sua vida tão fogosamente, queimara a sua mocidade em tamanho brazeiro de gozos, — que agora, reduzido pela nevrose ao anceio do impossivel, via-se na dura contingencia de fabricar para seu uso, em sonho, novos gozos e uma vida nova, combinando-os amorosamente de todas as suas leituras classicas, escolhendo-os na historia dos Satrapas e na lenda das religiões hindustanicas, colligindo-os do Baixo Imperio e da devassidão sabia dos Cezares.

Era um rapaz alto, cheio de um vigor estranho e artificial, adquirido na hygiene systhematica do banho gelado todas as manhãs, de um porte de cabeça simultaneamente altivo e amavel, magro, ligeiramente calvo. Tinha no mais alto grau o respeito de si proprio. Não fumava, — para não dar mau halito á bocca, — e até nas suas maiores orgias tivera sempre horas prefixas de somno, — para não adquirir olheiras.

Quando chegou aos vinte e cinco annos, viu-se fatigado e cheio da experiencia do mundo, tendo saboreado até á saciedade todos os vinhos e todas as mulheres. Sabia como os seus amigos iam fallar-lhe, — antes de abrirem a bocca, — e como as suas amantes iam beijal-o, — antes de lhe abrirem os braços. Dissera uma vez a um amigo que já ia junto da porta para sair, depois de uma conversa banal:

—«Quanto precisas? Anda, dize, deixa-te de scenas...»—

E o amigo sentira-se adivinhado, porque ia com effeito voltar-se, dizer-se negligentemente esquecido, e pedir-lhe como por desfastio umas libras.

Ah! não, nenhum accidente na existencia o encontrava desprevenido... Enfastiava-o de morte a rotação do seu ser sempre na mesma pista circular, ao som da mesma muzica e vendo os mesmos comparsas. Ainda amava nocturnamente e ainda ceava a deshoras, mas apenas por descargo de consciencia, porque sabia que nenhuma sensação nova o surprehenderia,—nem deliciosa nem terrivel. A vida nem ao menos lhe reservava uma decepção; todas as adversidades o encontravam de sobreaviso. E não pensava no suicidio,—no suicidio extravagante dos enfastiados,—porque não esperava d'elle nada de bom... nem de mau.

Viajava agora todos os annos, durante tres mezes, perfeitamente ao acaso; e guardava a esperança de topar um dia, assim, com uma aventura,—com a aventura de que tinha a longa sêde insaciada. Mas o acaso negara-lhe insistentemente essa ventura. No Minho, uma vez, um cura tomara-o por filho de D. Miguel, e pedira-lhe a mitra de Braga. No dia seguinte, como elle lhe não dera a mitra de Braga, o cura desenganou-se pura e simplesmente, e assim aquelle começo de aventura ficara em agua choca. Os comboios em que elle viajava,—caso singular!—não descarrilavam; as estradas que elle percorria, não creavam salteadores. Pensava ás vezes,—como nos casos mais desesperados se tomam as resoluções mais absurdas, na esperança de nma crise favoravel, ou como a um agonisante se faz beber um copo de *cognac*, no intuito doido e sensatissimo de o poder salvar sem o poder matar,—em se casar, e em ter filhos, e em exercer virtudes domesticas. Tivera-lhe mão a certeza de ficar assim diminuido na sua individualidade,—ou accrescentado na sua pessoa. E de toda a maneira, seria espontar as azas á sua vontade e a sua phantasia.

A sua ultima viagem, decorrera monotona como as outras. Durante tres mezes, pernoitara em cincoenta hoteis ou estalagens, comera e bebera, encontrara caras e sobrecasacas pouco mais ou menos identicas, enfastiara-se emfim, sempre com o mesmo ar altivo e amavel, despresando soberanamente o mundo. Em duas praias de banhos, na Povoa de Varzim e na Foz, encontrara figuras do Chiado, masculinas e femininas, que subitamente o haviam chamado á realidade do seu tedio, quando justamente elle pensava em se crear um accidente, senão uma diversão na sua vida, deixando-se arruinar á roleta. Um amigo dissera-lhe:

—«Não o conseguirias. A' centesima libra de ganho, o banqueiro fugiria, para ir viver tranquillamente dos rendimentos!»—

E então, como um dia ao anoitecer sentisse um arrepio de frio,—o symptoma do inverno que ia principiar,—fechara as malas e apresentara-se na estação de Campanhã, tirando bilhete para Lisboa.

O comboio ia partir; adivinhavam-se abertas as portas das salas de espera para a *gare*, d'onde vinha um trovejar de zorras rolando sobre o asphalto, carregadas de bagagens. O nevoeiro da madrugada pairava ainda no ar e humedecia a atmosphera fria. Ouviam-se gritos de carregadores, e percebia-se o tropear mudo das multidões que se precipitam para um fim. No momento em que o barão, conchegando com um geito de hombros as correias do binoculo e do cantil, se voltava do *guichet* com o seu bilhete nos dedos enluvados, poisou-se-lhe uma mão no hombro, e uma voz disse-lhe:

—«Bom dia, Manuel!»—

—«Oh! bom dia... Mas, que fazes tu aqui?»—

Era um intimo da sua vida lisboeta, excellente rapaz de uma alegria imperturbavel, que o barão perdera de vista havia quatro mezes.

—«Que faço aqui? sigo uma mulher! Não, sigo duas mulheres... Olha, para te fallar franco, eu sigo tres mulheres!»—

O barão sorriu-se:

—«Tanta mulher!»—

—«Sim; verdade seja que uma d'ellas é velha, é a mãe das outras duas; e d'essas duas, eu contentar-me-ia com uma só, mas não me atrevo a escolher, deixo lhes esse trabalho a ellas.»—

O barão olhava em roda.

—«Não procures, — disse-lhe o amigo. Já estão no seu *wagon*, e eu só espero o ultimo signal do chefe da estação para ir de corrida enfiar-me no mesmo compartimento, como que por acaso. Tenho minhas rasões para ser cauteloso!»—

— «Sim?»—

—«Um primo, meu caro Manuel!... Um primo que anda sempre com ellas, que vae com ellas, que as não larga nunca!... Um primo enamorado e ciumento!»—

—«E que decerto se contentaria tambem com qualquer das duas, ou mesmo com qualquer das tres. Bem sei!»—

—«Não gracejes, homem! Esse primo é typo inteiramente fóra do commum. Juro-t'o. A mim até me parece que elle se contentaria... com todas tres.»—

A sineta da *gare* começou a dar o terceiro signal.

—«Depressa, anda d'ahi! — exclamou o amigo, arrastando o barão pelo braço e pondo-o defronte de si á portinhola de um compartimento, como um escudo. Anda, sóbe!»—

O barão subiu rapidamente, tendo suspeitado n'um relance a possibilidade de uma aventura, emfim. Atraz d'elle subiu o seu amigo; e ambos se installaram, cortejando as tres senhoras e o homem, que já occupavam os outros logares.

Eram duas raparigas lindissimas, que pareceram crear uma alma nova vendo o companheiro do barão, decerto um namorado de praia, que havia muito tempo tecia platonicamente o perfeito amor, e que manhosamente conservava em cada uma d'ellas a illusão de que a amava sem partilha. E' tão facil — uma mulher tomar para si o olhar que vae para a sua companheira!... E como ainda não podera haver entrevistas, nem o barão era homem para comprometter o seu nome em cartas, as duas raparigas, uma a escondidas da outra, tomavam para si os olhares apaixonados que eram para ambas. De resto, adivinhava-se que estavam seduzidas, inteiramente seduzidas por aquelle jogo velhaco. A mais pequena tentativa do amigo do barão precipitaria um desenlace. As pequenas não faziam caso nenhum do primo, que por sua parte, — talvez julgando-se com direitos e privilegios estabelecidos pelo parentesco, — não fazia caso nenhum d'ellas.

Esse primo, creatura abundantemente barbada, sentára-se quasi defronte da mãe, mulher ainda fresca, protestando pelo brilho dos seus olhos contra o isolamento da sua viuvez. Ambos conversavam a meias palavras, familiarmente, emquanto que as duas pequenas liam, com as cabeças juntas, sorrindo, um jornal que acabavam de comprar.

O barão examinou aquellas quatro figuras n'um relance, fingindo prestar grande attenção ás passadas que se ouviam no tejadilho do *wagon*, onde um empregado acabava de accender apressadamente a lampada para a passagem dos tunneis. Depois, quando o chefe da estação deu o signal da partida com o seu apito, debruçou-se á portinhola, e fazendo signal ao seu amigo para se debruçar tambem, segredou-lhe:

—«Estás bem certo de que o primo... é realmente primo?»—

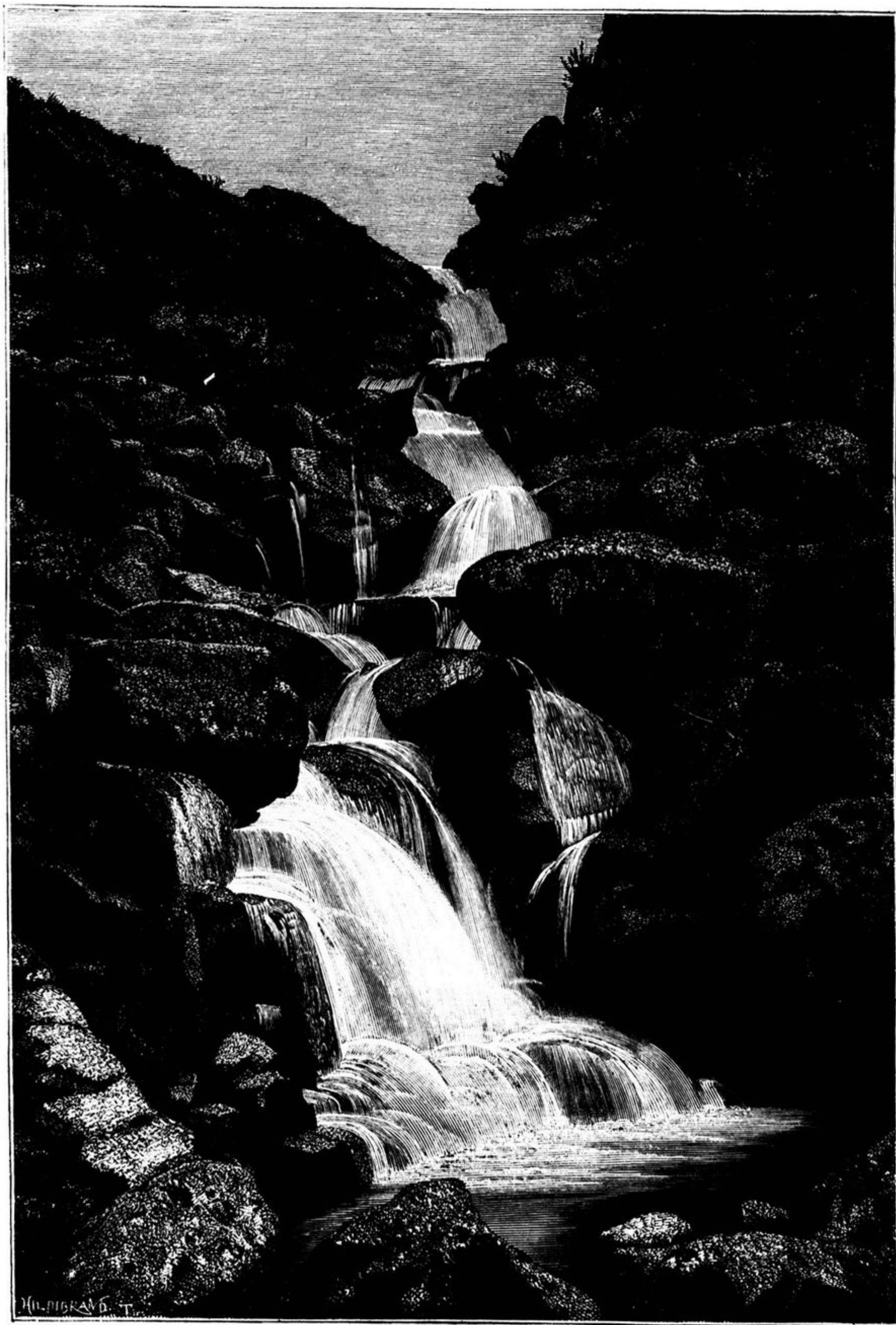
—«Ora essa! Mas que idéa...?»—

—«Não é uma idéa. E' uma suspeita. Ficas prevenido para teu governo, meu caro Pedro.»—

O comboio principiava a arrastar-se, silvando estridentemente. Sentaram-se defronte um do outro, olhando aquella manhã sombria que ameaçava chuva, e o barão enrolou as pernas na sua manta de viagem, emquanto que o seu amigo virava o almofadão do assento, olhando de soslaio o primo e a velha.

Por cima d'elles, a lampada mal acceza e em morrão bruxoleava, agonisante. O barão via-a imminente a apagar-se, com um sorriso malicioso. Lembravam-lhe os tunneis a atravessar, ás escuras, e como que tinha o faro de uma aventura. Ainda o comboio não tinha entrado no tunnel do Seminario, a lampada apagou-se, e um resto de morrão ficou a enchel-a de fumaceira que se rolava em ondas.

Fez-se de repente a escuridão no compartimento, ao abysmar-se o comboio no tunnel; e como o barão fechára primeiro os olhos, para se habituar ao escuro, abriu-os, e pareceu-lhe surprehender um movimento suspeito para o lado dos seus companheiros. Quando o comboio saiu á luz, assobiando rouco e affrouxando a marcha, para entrar na ponte, o primo compunha-se no seu assento, e a velha conchegava ao seio um chaile.

O barão sorriu-se ligeiramente nos seus bigodes, e olhou o seu amigo, que concentrava todas as suas faculdades em espionar algum descuido do primo para fazer o seu jogo de conquistador. Fugia aos lados do comboio a paizagem ennevoada. De-

A FERVENÇA—SERRA DA ESTRELLA

pois, abriu-se o espaço á direita e é esquerda, e o comboio entrou na ponte, levantando uma inferneira de velhas ferragens chocalhadas.

Então, o primo ergueu-se curiosamente para olhar aquelle abysmo, e ao mesmo tempo o amigo do barão, que espreitava o ensejo, fez para o lado das duas pequenas um gesto de cabeça e de hombros, — um d'esses gestos que não significam nada n'este mundo, e que são a Providencia dos namorados. Mas o primo tinha-se voltado logo, e surprehendera o gesto. Teve um ar de espanto, a que correspondeu no amigo do barão um ar instantaneo de confusão, nas duas pequenas um movimento de susto, e no barão um sorriso. Era a aventura!

Succedera em todos uma pausa estupefacta. O amigo do barão, porém, vira logo um expediente a tomar; e fitando o homem barbado, muito gravemente, fez-lhe o mesmo gesto de cabeça e de hombros, dando ao rosto uma contracção de *tic* nervoso. O homem socegou immediatamente e voltou-se, mas vigiando á socapa aquelle singular viajante; e o amigo do barão, com um serio imperturbavel, repetiu ainda uma vez o seu gesto, ao acaso. O homem debruçou-se para a velha, disfarçadamente, e fallou-lhe em segredo, com ar compadecido. Referia-se decerto áquella triste enfermidade. Tinham-se baralhado um pouco os logares, e as duas pequenas sorriam-se agora de soslaio, emquanto que o primo se debruçava á portinhola, e que a velha, friorenta, vinha sentar-se mais para dentro.

Subitamente, o comboio mergulhou na noite,—noite fechada. Era o tunnel da Serra. Ao cabo de um instante, o barão tinha tentações de accender de repente um phosphoro. Ouvira um gritinho abafado, n'aquella completa escuridão que a lampada deixara, apagando-se. Logo em seguida, um rumor suspeito, como de pessoas que se mechessem apressadamenle. Depois, sentiu lançarem-se-lhe uns braços ao pescoço, e uma bocca beijal-o ao acaso. Socegou depois tudo. Alvorecia uma claridade baça no compartimento, e o comboio saía de dentro do tunnel, apitando.

A scena conservava-se a mesma de um minuto antes. Apenas uma das raparigas estava vermelha como uma peonia, o primo tinha um ar feroz, e o amigo do barão parecia muito apouquentado. O barão, morto de riso, foi para a portinhola, fazendo um signal. O amigo segredou-lhe:

—«Quem diabo seria que me beijou?»—

—«Pois tambem a ti?»—

Sem comprehender, elle continuou:

—«Eu encontrei cabellos!»—

—«Encontraste mas foi barbas! beijaste o primo, meu pobre Pedro! Ora vê como elle está feroz!»—

E continuou:

—«Fui eu o eleito da sorte. A mim é que me beijou uma mulher.»—

E olhou para a pequena, sempre muito vermelha, emquanto que o seu amigo o remirava, desconfiado. Mas logo em seguida, deu-lhe um baque o coração, combinando as suas desconfianças do parentesco do primo com a mãe das pequenas. Emmudeceu. E quando na estação de Villa Nova se apeou com o seu amigo para irem tomar outro compartimento, disse-lhe:

—«Agora estou convencido que quem me beijou foi a velha!...»—

BELDEMONIO.

A SUA MÃO

Levemente comprida e graciosa,
A sua mão alvissima, infantil,
Epiderme de pétalas de rosa
Onde as veias se esmaltam côr do anil,

A sua mão de fina contextura,
O ideal da extrema perfeição,
Que egualada só póde ser na alvura
A' alvura incomparavel da outra mão,

A sua mão... ao vel-a sente a gente
Não sei que estranhos, intimos desejos
De a calçar n'uma luva transparente
Toda feita de aromas e de beijos!

E appetece poisal-a sem receio
Bem sobre o nosso coração, senhor,
Como uma mãe que aperta contra o seio
O filhinho que ri ao seu amor.

E apezar d'isso, ó crua realidade,
Toda brilho e doçura, a sua mão
Apunhala-me a vida, e sem piedade
Rasga-me friamente o coração!

A. C.

POLITICA Á LAREIRA

E' da melhor que se conhece, ou antes a unica boa que se póde fazer. A outra politica, a que inspira os jornaes das diversas parcialidades, é uma coisa que se não póde definir com exactidão, e que só presta para elevar alguns, instigando os outros á imitação.

A politica exclusivamente prestante e sadia, é a que o lavrador faz á lareira, narrando sem artificios aos visinhos o que as vinhas lhe promettem ou negam; ouvindo da bocca dos interessados a confissão sincera do que lhes falta de iniciativa particular para melhorar muitos dos nossos processos agricolas.

Hoje são os donos de lagares que confessam em familia não atinarem com o fabrico dos azeites, para os porem em concorrencia com os azeites francezes e italianos; ámanhã serão os proprietarios de lesirias ou de montados, que discursarão á bôamente sobre a engorda dos gados e o cruzamento das raças, alheios ás velleidades de reformadores d'estes, ou d'aquelles artigos da Carta Constitucional, que lhes não fertilisam os campos, nem fornecem os adubos de que carece a lavoura.

Na aldeia o ancião que toma a palavra, não o faz por alarde, obriga-o a dizer de sua rasão a experiencia, que o ensinou a ser prudente, no decurso de um larga vida consagrada a adivinhar os segredos que a terra occulta. O pouco que leu, deixa-o suspeitar de muito que ainda poderia ter lido.

O *ipse dixit* já não é dos nossos tempos. O patriarcha da familia nos proprios filhos encontra a sua opposição parlamentar. São elles que, com as modernas «Revistas Agricolas» na mão, provam ao consultador ingenuo dos astros, ao crente nas previsões do «Borda d'Agua» que a sciencia reduziu uma e outra coisa a principios fixos, a regras invariaveis.

Este parlamento aldeão acaba invariavelmente pelo repasto nocturno, sem apoiados, sem apartes, sem insinuações. A sessão da noite seguinte é ainda o reflexo, a continuação da anterior. Teve logar o mercado semanal, e coincidiu com a feira annual da cabeça do districto. Que abundante manancial de dados estatisticos! O morgado, a designação passou de legal a ser simplesmente honorifica, vendeu mais, ou menos tantos alqueires de trigo do que na feira anterior, d'ahi assumpto largo para a palestra á lareira. Foi a mais? Qual a qual a qualidade do genero? Baixou o consummo? Quaes as condições de concorrencia que se deram no mercado?

D'ahi as explicações, os exemplos, os confrontos. Santa lareira, tu és o inicio, o contraste, o vêr-o-peso de toda a sciencia economica. No seu gabinete de estudo o theorico, o chimico, o inventor ou o remodelador da machina, serve-se das tuas queixas, das tuas hesitações, das tuas desconfianças para base dos seus calculos, para aguilhão das suas descobertas scientificas, ou dos seus processos industriaes.

Feliz do homem que ama a terra, e que representa uma unidade no total dos interesses agricolas, que são os vitaes de uma nação, onde os mercados são fracos e acanhados. O lavrador que se achega ao brasido da lareira, nas noites frias do inverno, com a consciencia de haver trabalhado em prol do bem commum, é, sem dar por isso, o representante da melhor das politicas, o mais acabado exemplar da democracia em acção.

Para que serve ao lavrador a complicada urdidura das constituições que regem os povos?

Que tem que fazer a liberdade de consciencia com o amanho da terra, o direito de sanccionar as leis com o labutar consciencioso do homem que saccа da terra as materias primas da alimentação do seu semelhante? O parlamentarismo, a feição mais moderna, e ainda assim deficiente da representação dos interesses geraes, raras vezes tem um ponto de contacto com as aspirações da lareira.

Dir-me-eis, é certo, que não sois vós que fazeis as leis do ensino agricola, que delineaes os institutos, que forneceis os laboratorios, que instituis as caudellarias, que educaes as mattas, que dessecaes os pantanos. Não sois, é verdade; não sois o poema, mas ninguem vos pode negar que sejaes a musa. A Ceres da mythologia representava a abundancia, a fertilidade da terra. Era o symbolo, mas não era o trabalho.

A lei é a reguladora do trabalho da lavrador; mas o lavrador é a alavanca, o esteio, o inspirador da lei.

Um congresso aldeão vale bem um congresso de legisladores. Afóra a divisão burocratica dos regulamentos, ouriçados de paragraphos unicos, e revogando sacramentalmente toda a legislação em contrario, a aldeia diz ás vezes mais em um unico serão á lareira, do que as centenas de artigos de um codigo para uso de quem explora a terra.

Objectar-me-hão que estou d'aqui apostolando o obscurantismo, negando que a terra se mova, e que o mundo caminha, na phrase audaz de um poeta reformador. E' falso.

A nossa intenção é recordar a quem quer, e não pode, que deve estimular quem quer e não pode. Por outras palavras, o nosso intuito é chamar a lareira ao giro activo da vida que a interessa. Com as suas anomalias, as suas abusões, as suas leis de restricção, os seus monopolios, a monarchia velha escudava-se

AMIGOS DE FLORES

com uma instituição que a não haver sido falseada, como foi, ou posta de parte por inoportuna, por seculos representou a grande collectividade que se chama nação. Queremos fallar dos Tres Estados, que punham em contacto os intereeses particulares das diversas classes, fundando-as em uma unica, a representação nacional. O moderno deputado, dil-o o nosso codigo fundamental, representa o todo e não a parte; o paiz e não a localidade; todas as rehabilitações e todos os progressos, excluindo a representação directa de qualquer d'elles em particular. Assentes estes principios, a lareira é forçada a decidir do que não entende, sem a força que lhe não dá uma delegação especial e restricta.

Antigamente, nas provincias Vascongadas, as reuniões de interesse geral faziam-se ao ar livre, debaixo da celebre e tradiccional carvalheira de Guaranica. Davam-se bem, ao que parece, porque entrados já pelos nossos dias, tem custado a desarreigar esta tradicional usança. Nós não queremos os comicios agricolas dos romanos, nem as biblicas reuniões dos Vasconços. Queremos a representação, no parlamento, de certos e determinados interesses de incontestavel alcance social.

Os governos podem querer deixar no escuro a lareira, mas a lareira póde reagir e triumphar. A bôa fé dos Cincinatos pode fazer rir as multidões; mas o orgulho dos Marios pode fazel-as chorar.

A rhetorica pode dar um ministro, ou um orador de club. Não está na sua alçada crear ou restaurar uma industria, mesmo ainda aquella que, segundo a locução popular, transforma as pedras em pão, á força de trabalhos incessantes, contados de sol a sol. As palestras á lareira, na sua primitiva, occupavam-se em narrar as façanhas de esforçados paladinos, e desandavam d'ahi para as narrativas sobrenaturaes das lendas. Hoje, os heroes da lareira não são aquelles, nem as lendas piedosas entreteem já o espirito dos ouvintes. O jornalismo transformou a lareira em areopago de discussões politicas e economicas. A imaginação, e as crenças vivas nos milagres, cederam o passo ao positivismo da vida real. O lavrador que leu, e pôz em pratica os melhores processos de fabricar os vinhos, e estudou os mais efficazes systemas de debellar o phylloxera, tem mais auctoridade á lareira, do que o narrador banal de episodios bellicos, ou de historias de bruxas e de duendes.

Se um dia a lareira se lembrar de entrar no giro dos negocios publicos, ninguem se lhe poderá oppôr. Como? perguntarão os politicos de profissão, zombando da ingenuidade das aldeias.

Como? Colligando-se para fazer representantes dos seus direitos e das suas aspirações os homens da sua egualha, os que devem levar ao parlamento no ouvido o chiar da charrua, em vez dos aphorismos dissolventes dos legistas e dos academicos.

Como? Lendo aos eleitores os mappas geraes das exportações das nossas alfandegas, e por elles provando que é a terra, a mãe próvida das nossa primeiras industrias, que, mais do que a fabrica e a officina, tem direito a reclamar a attenção dos poderes publicos.

Os *meetings*, importação ingleza que ainda não deu entre nós coisa que prestasse, é inutil para a propaganda e defeza dos direitos da agricultura. Um sopro da fé patriarchal que venha da lareira será bastante para de sob as cinzas da indifferença, reanimar o fogo latente que ellas tapetam e obscurecem.

Em a agricultura banindo da urna os anonymos, dará um passo decisivo para a sua prosperidade futura. O que sabe das nossas coisas aquelle fallador? Deve a lareira antes de tudo perguntar ao homem dos exordios e das perorações, que lhe quizer provar que a terra não era terra antes de 1789, que a terra só poderá vir a ser aquillo para que Deus a destinou, depois de um novo cataclismo politico e social.

A verdade está no meio d'estas duas affirmativas dos que pretendem demolir, para reconstruir depois. Sobre a nossa agricultura pesa uma ameaça tremenda.

Velha como a existencia secular da Europa, a agricultura, como as outras industrias, como emfim todo o trabalho humano, tem a mocidade a tolher-lhe o passo, a America a tirar do seu solo virgem os productos, com que ha de vir a competir, e a vencer, como já começa a fazel-o, os productos com que a velha Europa abastecia o mundo

Cumpre pois á lareira ir-se prevenindo contra a innundação que a ameaça, restaurando as forças, preparando-se para o combate. E' ás vezes das alcunhadas utopias que brota a luz da verdade, da semente lançada ao acaso á terra por mão inexperiente, que nasce a mais formosa e abundante pavêa de trigo.

No nosso seculo os sonhos transformaram-se não poucas vezes em realidades da vida pratica.

L. A. Palmeirim.

HISTORIAS DE PRAIAS

Eu detesto as praias, e naturalmente, por causa d'isso mesmo, tenho que vir todos os annos para ellas, para mergulhar a familia nas salsas ondas.

Este meu horror pelas praias vem-me de pequenino, creio eu.

Quando tinha cinco annos pespegavam-me todas as manhãs de setembro, dentro do Tejo.

Eu tremia como varas verdes, chorava, gritava, rebolava-me pela areia, fingia doenças, mas era tudo em vão.

Vinha o Roque, um banheiro muito alto, muito forte, muito vermelho, de cabellos ruivos, pegava em mim e zás! agua te valha.

Lembro-me ainda d'esse tempo com terror. O mez de setembro era para mim um mez de supplicio. Não tinha um minuto de felicidade nos 43.200 minutos d'esse negregado mez. Passava as minhas noites infaustas a sonhar com agua salgada, acordava, e já estava á porta o caleche do velho Castro das seges. A feira de Belem passava por mim, ou antes eu passava por ella, sem me fazer móça, e depois, quando sahia do banho, o meu martyrio não acabava, porque me punha logo a pensar no banho do dia immediato.

E o setembro todo ia assim.

Depois habituei-me muito á agua fria, mas aos banhos do mar fiquei-lhe sempre com certa asca.

E só os tomo quando não póda deixar de ser, mas em setembro nunca.

E é por isso que estou agora em Pedrouços, batendo já o queixo com os primeiros frios de outubro.

Aqui a vida é semsaborona, insipida. Anoitece já cedo, e na rua não se póde passeiar, porque está já outono a valer.

Hoje, graças á amabilidade da direcção do Club de Pedrouços, recebi um convite para o concerto, que ali se deve realisar ámanhã, 15.

Fiquei gratissimo á delicadeza d'esses cavalheiros que não tenho a honra de conhecer, gratissimo não só porque esse convite me permitte uma bella noite para amanhã, mas porque accordou no meu espirito a reminiscencia de uma original historia de concertos de praias—de que me vou servir já hoje.

Foi ha muitos annos já essa historia. Ha uns vinte, aproximadamente. Eu estava então a banhos na Junqueira, e tinha quinze annos.

Por esse tempo andava muito em voga em Lisboa uma preta, que cantava menos mal, e que tinha grande successo muito mais pela côr da sua cara do que pelo timbre da sua voz.

Chamavam-lhe a Malibran negra. Era uma preta alta, gorda, e que tinha por marido um branco baixo, magro, mal feito, muito branco.

Na Junqueira correu a noticia de que a Malibran negra cantava n'essa noite, n'um concerto que havia n'uma casa ao pé da Memoria, lá em cima, perto da Ajuda.

A' noitinha tirei-me dos meus cuidados, e fui até lá acima com uns rapazes.

O concerto era n'um rez-de-chaussée, graças a Deus, e da rua via-se perfeitamente o que se passava lá dentro.

No largo da Memoria, defronte do rez do chão, agrupavam-se ranchadas de curiosos.

O concerto começou.

Um sugeito cantou uma aria, duas senhoras tocaram a quatro mãos, um velho cantou o Spirito gentil, uma velha de olhos esbugalhados rosnou o *Parlate d'amor de Siebel*:

Por fim uma coisa escuramente volumosa, aproximou-se do piano.

Essa nuvem de trovoada era a Malibran negra.

Ao lado d'ella vinha um rapaz alto, de bigode loiro, dando-lhe o braço.

Ella cantou, acompanhando-se, o do bigode loiro voltava-lhe a folha, e dizia-lhe coisas amaveis, com um sorriso galante.

De repente, no meio da aria, ouve-se na sala um grito estridente, e ao mesmo tempo precipita-se da janella para a rua um vulto pequenino.

E logo atraz outro vulto, mas enorme.

E logo outro, esguio. E logo, outro, redondo.

E outro, e outro, e outro, e muitos outros.

Cá fora o chão estava já coalhado de gente, e os curiosos assistiam estupefactos a esta scena estravagante do *bambu* arabe.

E d'ali a pedaço nas salas não havia ninguem:—o concerto acabara no meio da rua.

Cheio de espanto aproximámo-nos a saber o que tinha sido aquillo.

O branco baixinho, marido da preta alta, era ciumento como um Othello, tinha ciumes da mesma côr da mulher.

Ao ver o rapaz louro estar a dizer-lhe amabilidades e ella a sorrir-se, não poude ter mão em si. E já que não podia matar o seu rival, quiz matar-se a si e atirou-se do rez-do-chão abaixo.

A Malibran negra, ao vêr seu marido precipitar-se, precipitou-se atraz d'elle.

O louro precipitou se, atraz da preta.

A mulher do louro atraz do marido. O pae da mulher atraz da filha. A outra filha d'esse pae atraz do auctor dos seus dias. O namorado d'essa filha atraz da sua amada. A irmã do namorado atraz do mano. A mãe do mano atraz da filha. A irmã da

mãe atraz d'ella. O marido da irmã atraz da mulher. O dono da casa atraz do marido. A dona atraz do dono.

E n'esta cadeia de parentescos e de affectos mutuos saltara para a rua o concerto inteiro.

E d'esse dia em diante nunca mais ouvimos fallar da Malibran preta, nem do marido branco.

GERVASIO LOBATO.

O FUNERAL DA POMBA

(QUADRO PANTHEISTA)

No começo da estrada
Um pequenito a soluçar caminha;
Vae, de capa encarnada,
A agitar tristemente a campainha.

Abre o prestito, á frente, o irmão mais velho,
Com ares d'infeliz;
Leva uma cruz alçada e um Evangelho,
E uma saia a fingir sobrepeliz.

Tres creancinhas vão
Tirando o carro com sentida magua,
A enxugar, coitaditas! com a mão
Os olhos rasos d'agua!

A pomba vae deitada
Sobre um colchão de folhas setinosas;
Abriga-a uma ramada
Toda feita de petalas de rosas...

Vão raparigas desfolhando em roda
As flores que despontam no caminho...
E as longas azas, que a encobrem toda
D'uma brancura dôce,
Deixam-n'a ir assim, como se fosse
Amortalhada n'um lençol de linho!

No ar perpassa um bando
De rouxinoes, soltando
Uns dolorosos pios!...

Das folhas do arvoredo
Pendem sentidas lagrimas em fios!..

E pelo pinheiral
Murmura o vento, soluçando a medo,
Como quem chora em intimo segredo
Ao ver passar o triste funeral!

ALBERTO BRAGA.

A TRILOGIA DE JOÃO FERNANDES

VIRGINIA

Elle tinha a candidez lorpa dos provincianos, que ainda não cravaram os dentes no fructo prohibido.

O verso perpetrado pelo sr. Thomaz Ribeiro:

«*Eu nunca vi Lisboa e tenho pena*»

arrastara-o um dia, do fundo da Beira, para as olympicas cumiadas de um terceiro andar no Hotel Central.

João Fernandes escondia a alma de um poeta no herculeo tronco de um lavrador nutrido a broa e vinho verde.

As elegantes mundanas da capital desorientaram-o: os *menus* do hotel Central assustaram-o quasi tanto como as mulheres.

Jamais elle ousaria dirigir a palavra a essas leves e franzinas bonequinhas da moda, que saltitavam pelos asphaltos do Chiado, envolvidas em uma nuvem de rendas e de *veloutine*, cabeça erguida, pé arqueado, sorriso desdenhoso e olhar humido...

Nunca elle se atreveria a comer, deliberadamente, os exquisitos e complicados manjares, servidos á franceza por sujeitos muito correctos, de casaca, gravata branca e sapato de laço.

Gostava de vêr as mulheres, de longe, pendido no peitoril da janella que abria para o Caes do Sodré, fumando extatico, um charuto de vintem, que o saturava brandamente de um forte e pronunciado cheiro a couve torrada...

O pae escrevia-lhe tres vezes por semana, noticiando que a azeitona começava a pintar, que o lagar rendera mais uma duzia de pipas de vinho, que a vacca malhada tivera uma cria, que a ruiva estava ameaçada de pulmoeira.

Elle respondia-lhe de cá, deslembrado dos assumptos caseiros:

«Pae: Não sei como hei de agradecer-lhe a lembrança que vocemecê teve em mandar-me á capital.

Lisboa não me saia da cabeça desde que li aquelle verso que o pae sabe. E' ainda melhor do que eu pensava. Os creados aqui vestem-se como os filhos do rei, e as mulheres teem azas nos pés como os cupidos do quadro que o tio nos mandou de Paris, o anno passado. A' noite, vou girar pelo Chiado, e é só então que me atrevo a levantar os olhos para essas maravilhas de carne e osso, embrulhadas em setins e rendas, que exhalam o aroma das rosas de maio, e teem ao mesmo tempo o vôo gracioso e transparente das borboletas...

Como se vê, João Fernandes tinha queda para o lyrismo. Aprendera o latim com um egresso e estudára o portuguez com o professor regio, muito lido nos classicos e muito versado no manuseamento de poetas antigos e modernos, desde Filinto Elysio até ao sr. Florencio Ferreira.

Nas horas vagas, o pedagogo habilitava-se para lavrador microscopico, amanhando, ainda com os dedos pingados de tinta rôxa, uma courelasita, que trazia arrendada ao Fernandes Senior.

Os laços de interesse que se estreitam, por via de regra, entre um rendeiro e um proprietario, instigaram o professor a dedicar-se em corpo e alma á tarefa, não muito facil, de fazer luz no cerebro de João Fernandes.

A's tardes, o discipulo ia vêr semear a batata e ouvir recitar Camões e Thomaz Ribeiro. N'aquelle trato das musas e das sementeiras se lhe foi enflorando a alma de incipientes devaneios e o labio de cabellos doirados, desenhando um bigode, apto, como poucos, para sublimar um madrigal.

No momento da partida, o professor abraçou-se ao discipulo, descreveu-lhe summariamente as variadas seducções das lisbonenses, e, chupando um cigarro repassado do amarello sujo do tabaco ordinario, recitou-lhe, com os olhos em alvo e um barrete preto enterrado até á nuca, os versos de João de Deus:

«*Não ha existencia alguma*
que não tenha amor, nenhuma»
. . . .

Um mez depois, João Fernandes recebia da mestra da vida, —a experiencia,—o exemplo pratico, comprovativo da verdade adstricta á palavra do poeta.

A poesia, alcunhada de mentirosa, vinga-se, ás vezes, nobremente, demonstrando ser ella a unica verdade bonita, n'este pobre mundo eivado de tantas mentiras feias.

Encontraram-se á meza redonda, hombro com hombro, na atmosphera excitante dos molhos aromaticos e dos vinhos generosos.

Elle tinha a alvura lirial, e o loiro vago das virgens gothicas, pintadas nos frescos medievaes. Comia depressa, limpava admiravelmente um prato, sempre com os olhos baixos, o perfil recortado em alabastro, fallando de vagar, como que a medo.

O pae, um major reformado, tratava-a por *mademoiselle*, um chic que ella se permittia, suggerido pelo loiro parisiense do cabello e pelos *high-lifes* dos jornaes, entrados desde certo tempo na moda de chamarem a toda a gente *madame* e *mademoiselle*.

João Fernandes informara se pelos creados. Soube que se chamava Virginia, que chegara de Portalegre, onde o major tinha uma quinta, com a competente casa de habitação.

O major e a filha occupavam dois quartos do 3.º andar, no mesmo corredor, ao longo do qual João Fernandes espalhava gemidos e baforadas de charuto de vintem, recordando, com um sentimentalismo coevo de Dirceu, os celebres versos, recitados pelo professor...

Um dia, ao jantar, o beirão encheu-se de coragem, e rompendo pela timidez que lhe pregava a lingua ao ceo da bocca, voltou-se para a menina dos cabellos loiros, e, com voz tremula, disse-lhe:

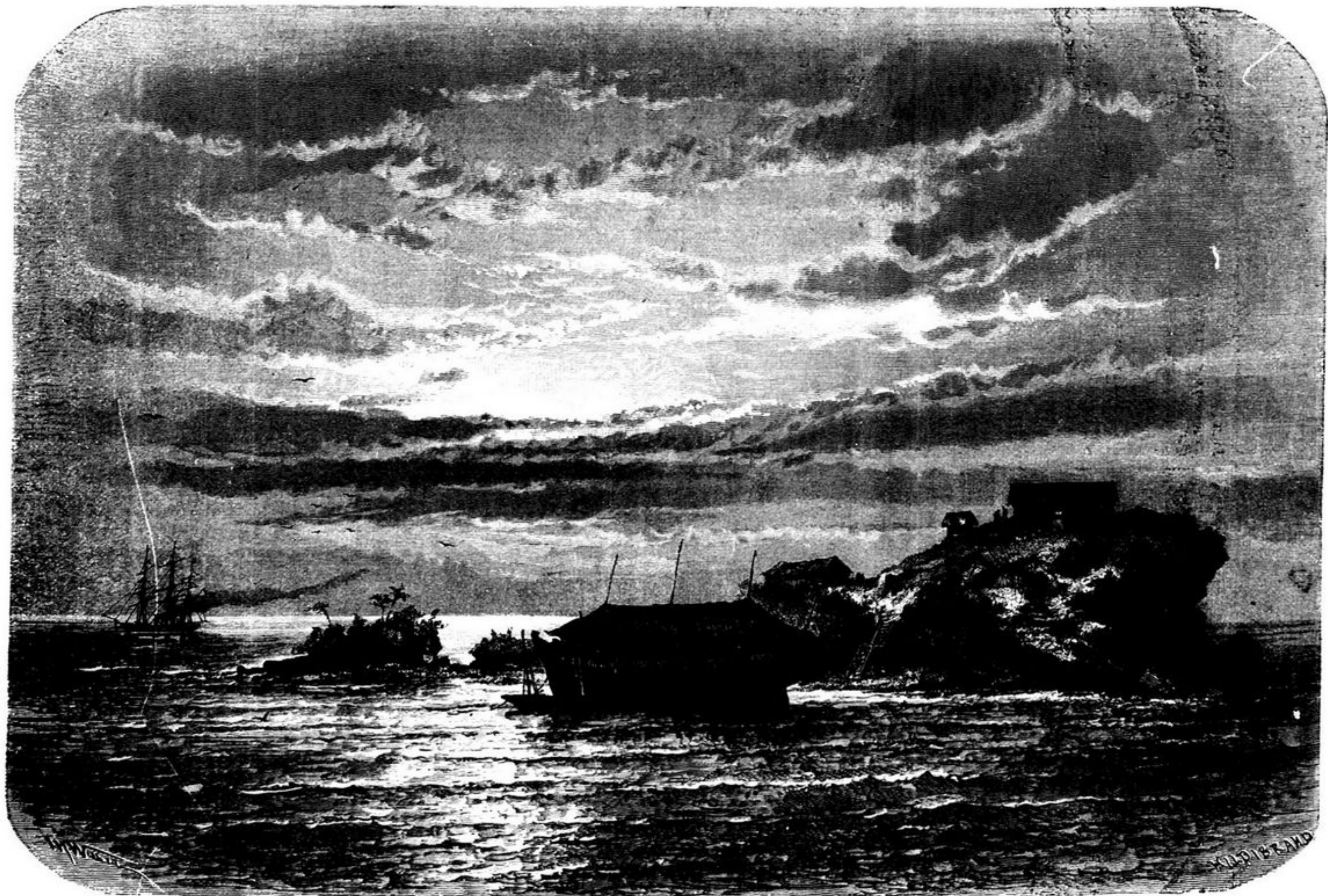
—*Mademoiselle* serve-se de rabanetes?

Virginia corou, sorriu se, e cravando os dentinhos brancos na polpa do rabanete, respondeu um quasi imperceptivel—Obrigada.

Aquelles rabanetes foram o ponto de partida de um dialogo, mais ou menos animado, em que o major fallava sempre das campanhas da liberdade, mostrando a medalha, em que João Fernandes discursava ácerca da lavoura paterna, e em que Virginia não fallava quasi nunca, limitando-se a trincar amendoas torradas e a beber copinhos de coraçau, amavelmente offerecidos pelo beirão.

Animado pelo bom acolhimento que lhe dispensavam, João Fernandes passou a offerecer camarotes, carruagens, rebuçados de ovos e pastilhas com versos côxos, inpregnados de intenções amorosas, que ambos liam, rindo ás gargalhadas.

Fernandes Senior teve um bello dia, no meio do varejar da azeitona, a desagradavel surpreza de receber uma missiva, concebida n'estes termos:

«O sr. seu filho caiu nas mãos de uma sanguesuga que lhe

ILHA DE FERNANDO PO: — O PRESIDIO DOS DEPORTADOS POLITICOS

chupa os olhos da cara. Mande-o recolher ao aprisco, se não quer que a ovelha lhe appareça tosquiada até aos ossos.»

Fernandes Junior, chamado a rebáte, retorquiu encarecendo as virtudes do seu anjo loiro e pedindo venia ao pae para atar o nó cego.

Depois de escrever, foi convidar o major e a filha para irem juntos, em *partie fine*, ao jardim zoologico.

Regressaram ao cair da noite, na serenidade melancolica de um crepusculo do outono, salpicado de estrellas que feriam o ar, como agudas flexas cravando-se no alvo.

João deu o braço á filha e dispoz-se a ouvir, pela vigesima vez, ao pae a epica resenha das batalhas, em que o major prati, cara a nunca assaz celebrada gentileza de desfeitear o inimigo-voltando-lhe as costas.

Virginia recolhia-se em um silencio mystico, apenas interrompido pelo tasquinhar da sua boquinha vermelha e fresca, onde os rebuçados de ovos se derretiam, inundando-a de doçuras.

Pouco depois, um coupé, alugado por João Fernandes, conduzia-os a trote largo para o Hotel Central.

As mãos dos namorados encontraram-se na penumbra do coupé; o major, amortecido pelas libações do Porto, dormitava; João Fernandes, excitado, atreveu-se, não sem o terror que precede os grandes commettimentos, a beijar as pontas dos dedos da *mademoiselle*.

Ella estremeceu, vibrando sob a caricia do namorado, e languida, quebrada pela violencia da commoção, abandonou-lhe sem reserva a mão esguia e branca, calçada em mitene de retroz, onde os diamantes fuzilavam, como pequeninos pirilampos.

O amor, *a musica do sangue*, como lhe chamou Calderon, executava no coração de João Fernandes um glorioso hymno triumphal. A terra parecia-lhe pequena para conter o infinito.

A sua robusta natureza de Hercules montanhez, creado ao ar livre, na intimidade dos vegetaes, habituado a correr pelas largas clareiras batidas do sol, a trepar a crista denticulada das serras, que recortam a sua linha ondeante e azul no fundo casto e vagamente narcotisante do ceo estival, revoltava-se contra o regimen claustral dos quartos de hospedaria, numerados, cingidos por quatro paredes de uma monotomia symetrica, odiosa á força de irreprehensivel.

N'essa crise psychica do seu temperamento *crystalisado*,—segundo a pittoresca formula inventada por Stendhal e hoje expulsa da circulação pelo methodo experimental de Zola;—João Fernandes protestava inconscientemente, com todas as exuberancias do seu organismo, ainda não contaminado, contra o absurdo convencionalismo das civilisações refinadas.

Não era bem assim que o beirão discorria, ao sentir o impetuoso desejo de apertar nos braços musculosos esse flexivel e delicado corpo, branco como os lyrios que rebentam nos cabeços das collinas, desabrochando no meio de uma vegetação intensa e abrindo no restolho, entre os cardos espinhosos, o trevo e o rosmaninho, o sorriso de uma virgem, coroando-se de flôr de laranja.

João Fernandes não conhecia Stendhal nem Zola.

Mas o amor dispensa a lição dos livros e suppre pela intensidade da sensação o que lhe faltar em profundidade scientifica.

A bondade nativa, e sobre tudo a intelligencia limitada do provinciano, livrava-o de maus pensamentos;—com isso exultará a moral, muito embora gema a escola naturalista.

Desde aquelle caso dos rabanetes, João Fernandes não tinha senão uma unica ambição no mundo:—levar á egreja a escolhida do seu coração.

Esta ambição devorava-o n'essa noute de um luar frio, em que elle corria ao acaso pelas ruas, fazendo resoar no asphalto dos passeios os seus grossos sapatos de tres solas, agitando os braços, dialogando de longe com Fernandes Senior, que a tal hora resonava embrulhado em um cobertor de papa, saindo-lhe da bocca aberta, onde os sonhos addejavam, entre—mostrando pittorescos quadros de lagares afogados em vinho e azeite, e campos ajoujados de trigo loiro, uma variada orchestração de complexos sons, desde a nota do clarim até ao ronco da trompa.

Batiam tres horas da madrugada quando João Fernandes recolheu ao hotel. Vinha derreado, mas trazia no coração, que lhe saltava aos pulos, um radioso paraiso de bemaventuranças.

Subiu, cautelosamente: ao chegar ao terceiro andar, empallideceu, lembrando-se que poderia, talvez, perturbar o angelico somno e afugentar os divinos sonhos da sua adorada Virginia: timido, parou na sombra do corredor, e descalçou os sapatos.

N'essa occasião, a porta do quarto 23 abriu-se de mansinho, a sombra de um homem, desenhou-se em uma faxa de luz o fremito de um beijo passou no corredor como o fugitivo aroma de uma rosa desfolhada...

João Fernandes, assombrado, ferido por uma d'essas brutaes amputações moraes que rasgam no coração uma chaga incuravel, cozeu-se com a parede.

—Casas com o bruta-montes, é negocio decidido? perguntou o homem, accendendo um cigarro.

Uma cabeça loira pendeu-lhe no hombro, e uma voz musical segredou-lhe quasi ao ouvido:

—Caso, porque quero que tu sejas rico.

—Queridinha! respondeu o homem, risonho, palpitante de ternura, prostrando-se mentalmente aos pés da burra do lavrador beirão.

João Fernandes, cambaleante, deu um passo para a frente e estendeu os braços, dispondo-se a estrangular o ladrão da sua felicidade. Confusamente, viu um sargento aspirante, que jantava á mesa ao seu lado esquerdo; uma onda de sangue turvou-lhe a vista, uma dôr aguda mordeu-lhe o coração, estrebuchou no vacuo, batendo com as mãos, na extrema angustia do afogado que procura, instinctivamente, um ponto de apoio, e caiu redondo.

Na diligencia que reconduzia ao aprisco a ovelha desgarrada, João Fernandes lembrou-se de repente da carta do pae, chegada na manhã do fatal dia e guardada intacta na algibeira do jaquetão.

Fernandes Senior exhortava-o a fugir ás garras do anjo... despenhado em uma hospedaria, para perdição dos pobres de espirito, a que alludiu Jesus, e offerecia-lhe a arca do peito para desafogar maguas e esconder suspiros.

João Fernandes, designado pela Providencia para reviver em Portugal o dramatico lance do 3.º acto da *Dama das Camelias*, teve a convulsão histerica de Armand Duval, ao ler a despedida de Margarida Duplessis, vulgo Margarida Gautier.

Depois veremos de que cinzas fumegantes renasceu para o amor esta Fenix, ferida na aza.

Guiomar Torrezão.

AS NOSSAS GRAVURAS

A SÉ VELHA DE COIMBRA

A Sé velha de Coimbra é um dos mais antigos edificios religiosos de Portugal, e tão antigo, que não se sabe bem ao certo a data da sua fundação.

Pinho Leal não crê que o venerando templo fosse obra de D. Affonso Henriques, como pretendem muitos, e, fallando d'elle, escreve o seguinte, no seu curioso repositorio de indicações historicas:

«Não posso concordar com a opinião de que a Sé Velha de Coimbra fosse obra de D. Affonso I.

«Esta opinião contradiz tudo quanto escreveram historiadores antigos, de muita verdade e criterio.

«E' provavel que o nosso primeiro rei a reedificasse e ampliasse, e seus successores, até D. João I, (que aqui tinham a sua côrte) lhe fizessem varias obras, o que se prova, tanto interna como externamente, pela sua architectura de varias épocas.»

Ha quem diga que a Sé Velha de Coimbra já existia, como templo christão, no anno de 716, e quem attribua a sua fundação ao barbaro Ataces, rei dos alanos, que, segundo varios historiadores, foi o fundador ou reedificador de Coimbra.

Outros ainda attribuem a construcção do templo aos godos, e accrescentam que, durante a invasão dos arabes, fôra transformada em mesquita.

Nós, em face da architectura gothica do edificio, e da sua apparencia exterior d'um castello com ameias, pômo-nos do lado d'aquelles que crêem ter sido a Sé Velha de Coimbra fundada pelos godos, no seculo IV ou VI da nossa éra.

A FERVENÇA—SERRA DA ESTRELLA

A nossa gravura representa uma formosissima queda d'agua, n'um dos pontos mais pittorescos da Serra da Estrella. A agua despenha-se d'aquella enorme altura com um estrepito formidavel, desenrolando-se em alvas toalhas de espuma sobre as saliencias dos rochedos escalvados.

E' espectaculo grandioso e digno de vêr-se á hora do pôr do sol, em tardes de verão claras e limpidas.

AMIGOS DE FLORES

Talvez que aquella curiosidade seja provocada pela sêde de conhecimentos botanicos. Sim, talvez. Mas n'esse caso podiam ir para outro lado, podiam percorrer o jardim, podiam ir examinar outras flores que não fossem as que estão no regaço d'aquella flor... O melhor é fazermos como aquelle grave ecclesiastico, que está esperando quasi impassivel o resultado do exame. A final, tudo aquillo não passa de uma contemplação extatica, innocente, platonica. E'um modo, como outro qualquér, de admirar a natureza n'uma das suas multiplas fórmas. Que mal póde haver n'aquillo? Absolutamente nenhum.

ILHA DE FERNANDO PÓ

O presidio dos deportados politicos

A ilha de Fernando Pó é extensissima e a maior do golpho de Biaffra. Antes de ser descoberta pelo capitão que lhe deu o

seu nome, ja era habitada, ao contrario do que succedeu com as nossas ilhas de S. Thomé e Principe, onde os navegadores portuguezes não encontraram nenhum ser humano.

Fernando Pó é hoje pertença da Hespanha, que ali estabeleceu tropas. Antes d'isso pertencera temporariamente á Inglaterra, que fez da ilha o centro d'onde partiam os navios que mandava cruzar os mares da Africa para acabar com o trafico da escravatura.

O ponto que a nossa gravura representa é o presidio dos deportados politicos, denominado *presidio Henrique*.

Nos ultimos annos do reinado de Izabel II, o governo hespanhol deportava para ali os seus inimigos politicos.

Fernando Pó é habitada por uma raça dividida em numerosas tribus, cujas linguas teem entre si muitas affinidades e pouco differem das que se fallam no Continente.

UM REBOLIÇO

A apparição d'aquelle mofino bichano no palheiro produzio o indiscriptivel reboliço que estão vendo. O *Tigre*, preso pelo pescoço a uma trave, enraiveceu-se e começou a dar pulos de endemoninhado. O *Danubio*, que se aventurára a brigar com o gatarrão intruso, sahio-se mal ferido da lucta e principiou a ganir estrepitosamente. Dois frangãos, que depenicavam no feno, despreoccupados e alegres, volitam agora, medrosos, de um canto para outro, dando pios infernaes.

Perante aquelle charivari medonho, o fautor do reboliço decide-se a voltar as costas ao inimigo, e dá ás de Villa Diogo com presteza.

E' um acto de prudencia, que o livra talvez d'apanhar a sua esfrega, quando o *Tigre* conseguir desprender-se e o *Danubio* não sentir já as dores produzidas pelos arranhões que levou.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

No Imperio esta lei é uma calumnia—1—3.
Desagrada no convento esta flôr—1—2.
Esta mulher faz soffrer este homem—2—1.

Beja. DAVID GALHETO.

Está na cosinha e no corpo este peixe—1—1.
Este appellido de seda ou d'algodão é peixe—1—2.

SOBRAL.

EM VERSO

Procura na geographia
(Se esta queres decifrar)
E uma cidade da India
Has de, por certo, encontrar—2.

E' preposição e verbo,
Mas se mudares vogal,
Affirmo que então encontras
Uma nota musical—1.

Tem muitas applicações,
E o leitor hade convir
Que de mineraes é liga
E serve p'ra construir—3.

Uma charada tão facil
Que no ar morra é de prevêr;
Por isso, só accrescento,
Que o meu todo é um devêr.

MATHEUS JUNIOR.

(A JOSÉ MARQUES)

Repara que é feiticeira.—2.
Uma terra povoada—3.
E, comtudo, é perspicacia
O conceito da charada.

JHI DHE VHU.

Companheira sou da vida,
De bastante utilidade.—2.
Ao nauta sirvo de guia
Sem grande difficuldade—3.

Diga-me, caro leitor:
Já foi até a Trindade?
Pois lá serei encontrado
Sem grande difficuldade.

J. A. D

LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

Verbo—12—9—2—4 5—13—14.
Verbo—4-5—9—12—2—1—14.
Verbo—4—14—6—12—12—3—14.
Verbo—1—5-8-3—14.
Verbo—7—3—10—1—14.
Verbo—10—11—14—3—14.

Verbo. SERAPIÃO FALLAMUITO.

Um petisco saboroso—5—9—7—5—3.
Vês em cidade franceza.—1—9—8—5—8—6—7—2.
Que embora difficultoso—3—1—9—7—9.
Vel-o-has sempre na mesa.—1—3—4—8—5 6—8—7—9.

Celebre deus fabuloso—5—7—8—5—3—9.
Vês em cidade franceza.—5—9—4—9—2—3.
Que sendo elle magestoso,—3—4—5-6—7-9—2-9.
Vel-o-has sempre na mesa.—2—3—4—6—8—7—9.

Coitada! sempre andrajosa—5—7—3—1—6—8—7—9.
Vês em cidade franceza.—3—7—4—6—2.
Mulher bem laboriosa—2—3—1—3—5—6-8 7-3.
Que verás sempre na mesa.—2—3—4—2—6—8—7—3.

Charadista estudioso
E dotado de esperteza,
Instrumento harmonioso
Vê no todo, com certeza.

MATHEUS JUNIOR.

E' mui vulgar
este animal.—1—4—3—7.
Não ha que ver,
é vegetal—5—7—5—7.

Interjeição
aqui verás,—2—6.
que só no mar
encontrarás.

INCOGNITO.

Sou da provincia do Minho,—1—7-8—4—10—3—5.
Um nome muito notorio.—2—8—3—5—8—7—10.
Nas egrejas me consomem,—9-5—11—3—7-2—6.
E tambem no escriptorio-3—7-8-3—2.

Das villas de Portugal,
Que ficam á beira-mar,
Sou uma das mais formosas,
N'isso podes concordar.

Mathosinhos. PESADELO.

ENIGMA

X to V 1885 I

1640 — a + u dito

PROBLEMA

Supponhamos que Pedro tem tentos na mão direita e esquerda, e que Paulo deseja saber quantos elle tem em cada uma das mãos, sabendo que o numero de tentos da mão direita está para os da esquerda n'uma relação conhecida, por ex.: $\frac{7}{5}$.

Paulo diz a Pedro que passe um dado numero de tentos, da mão esquerda para a direita, o qual convém que seja multiplo

de $\frac{5}{.}$; que da mão direita passe para a esquerda um numero de tentos egual a 7 dos que existem n'esta ultima. Feito isto, Paulo $\frac{}{5}$ tem os elementos necessarios para saber quantos tentos tem Pedro na mão direita, o que constitue uma primeira adivinhação.

Perguntando agora a relação em que está o numero de tentos da mão direita para os da esquerda, este pode adivinhar quantos tentos tinha Pedro, no principio, em cada uma das mãos. Dizer qual é a regra por meio da qual se pode resolver esta questão.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Camaroteiro — Mouraria — Salamanca — Condecoração — Jacintho — Amorim — Facha — Melca — Ramo
amo
mo
o
— Antropofago — Primavera.

DO LOGOGRIPHO: — Cimarosa.

DOS ENIGMAS — Animal — Desastres.

DO PROBLEMA: — Tirando de 100 o numero 11, do resto tirando 11 e assim successivamente, acham-se os numeros 89, 78, 67, 56, 45, 34, 23, 12 e 1. Para ganhar, escolhem-se numeros que, sommados com os obtidos pelo adversario, dêem successivamente 12, 23, etc. Se ambos conhecem esta regra, só pode ganhar o que começa primeiro.

A RIR

Tomei informações, dizia Calino a varios amigos, e soube por ellas que os papagaios chegam a viver cem annos. Pelo que respeita aos que estão empalhados, não ha limite de edade.

*

N'um *boudoir*:

Raul e Margarida estão assentados n'uma *chaise longue*, em delicioso *tête-à-tête*. Elle aperta-lhe as mãos. Ella olha-o com ternura.

— Oh! minha querida Margarida, exclama Raul apaixonadamente, não ha ninguem como tu para saber amar!

— E' isso o que todos me dizem!

*

Fallava-se em narizes, pernas e braços postiços, n'uma roda de rapazes amigos, em que havia um andaluz. Todos contavam a este respeito a sua historieta, até que coube a palavra ao hespanhol:

— Tudo isso é nada, exclamou este. Um primo meu tem um nariz de pelle de gallinha; mas, como a pelle foi tirada um pouco de baixo... sempre que elle se assôa encontra um ovo no lenço. Quando está constipado, a familia alimenta-se exclusivamente de *omelettes!*

*

Um pequeno prodigio:

Um pae pergunta a seu filho, rapazola de dez annos:

— Já sabes Historia Sagrada?

— Sim, papá.

— Está bem. Dize-me quem era Adão?

— Isso não está no compendio!

*

— Com que, então, o pobre Felix morreu?!

— E' verdade, estava tisico.

— Que pena! Tão novo ainda!

— Elle é quem teve a culpa.

— Como?

— *Tossia muito!*

*

No dia de Anno Bom:

O carteiro á porta:

— Uma carta para o sr. Anastacio: não traz estampilha; tem de pagar meio tostão.

Anastacio tira cinco tostões do bolso e diz-lhe: — Guarde para si; são as consoadas... guarde.

— Muito obrigado.

Depois de descer alguns degraus, o carteiro volta de novo á porta ainda aberta.

— E' verdade, v. ex.ª esqueceu-se de pagar o meio tostão da carta!...

*

No passeio de S. Pedro d'Alcantara, em dia de musica:

Lulu, um gentleman de dez annos, faz uma declaração d'amor a Lili, ingenua de sete ou oito primaveras.

— Juras que me amas, Lili?

— Oh! muito! (*beija-o*).

— E queres-me para teu maridinho?

— Não posso... Estou promettida ao meu primo Carlos, mas isso não tem duvida, se queres enganal-o-hemos...

*

Deram uma boneca a Nini, no dia de Anno Bom.

A' noite, disseram-lhe os paes que a fosse mostrar a varias pessoas amigas.

Nini mostra a boneca, e nota-se com espanto que traz os cabellos cortados *á escovinha*.

— Para que lhe cortaste os cabellos, minha filha? pergunta a mamã.

— Achei que estavam muito curtos, e como cortam os meus para crescerem mais, fiz o mesmo á boneca.

UM REBOLIÇO

Um conselho por semana

NODOAS DE CAFE E DE LEITE

Um amigo nosso recommenda o emprego da glycerina para apagar estas nodoas. Applica-se sobre as telas, que teem as nodoas em questão, e depois lavam-se com um pedaço de panno, de fio bem limpo, e ensopado em agua morna, até ellas se estinguirem. Depois, collocam-se as telas assim lavadas n'uma taboa quente, até que appareçam signaes de humidade. As côres mais delicadas resistem a esta operação sem se alterarem.

Não custa nada experimentar.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

HEITOR JORGE: — Tambem nós sentimos não poder publicar a ultima quadra, que era a mais conceituosa, mas... estava incorrecta a divisão dos hemistichios.

Pelo que respeita á substituição de *quarto* por *alcova*, não deve isso merecer as suas censuras: é muito mais euphonico e consentaneo com a elevação do verso.

No tocante á alteração da assignatura, a culpa é toda sua. Para que faz uns PP que parecem DD?

NINA: — Registramos o seu reconhecimento, mas pedimos licença para que o soneto não passe de nós dois.

A corresondencia póde vir como mesmo endereço.

TOM POUCE.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA